

TORTURA À FRANCESA

ENTREVISTA **Marie-Monique Robin** mostra como o Brasil foi pioneiro na importação da teoria militar sobre esquadrões da morte

A LENEIDE DUARTE-PLON, DE PARIS

O livro *Escadrons de la Mort, l'école française* (Esquadrões da Morte, a Escola Francesa), da jornalista e cineasta Marie-Monique Robin prova em 453 páginas que o país da Declaração Universal dos Direitos Humanos está na origem das ditaduras latino-americanas.

Foi a França que exportou para os Estados Unidos a teoria da “guerra contra-revolucionária”, além de sofisticadas técnicas de tortura, elaboradas por militares franceses, depois das guerras coloniais perdidas: na Indochina (Vietnã) e na Argélia. Apesar da imagem que revela do país, que prefere se ver como o grande defensor dos direitos humanos, o filme de mesmo nome foi premiado como “melhor documentário político de 2004” pelo Senado francês.

A “guerra contra-revolucionária” ou “anti-subversiva” baseava-se no combate ao “inimigo interno”, por meio de serviços de informação eficazes. Os “interrogatórios” eram sinônimo de tortura. Para eliminar os presos políticos, surgiram os esquadrões da morte, do general Paul Aussaresses.

Ao iniciar uma investigação sobre a Operação Condor, a “multinacional da repressão” que reuniu serviços de inteligência e informação do Cone Sul para exterminar inimigos das ditaduras, Marie-Monique teve a revelação: “Descobri o papel fundamental dos franceses na origem das ditaduras latino-americanas”. Mudou de tema, pois viu que poderia escancarar uma porta muito bem fechada.

O livro mostra como o Brasil teve um papel fundamental no treinamento de militares que participaram do golpe no Chile. Paul Aussaresses – adido militar

francês em Brasília a partir de 1973 e convicto defensor da tortura – conta sua experiência no Brasil e sua amizade com o general João Baptista Figueiredo, “que a essa época dirigia, com o comissário Sérgio Fleury, os esquadrões da morte brasileiros”.

Em 2003, por seu livro *Services Spéciaux Algérie 1955-1957*, no qual justifica o uso da tortura, Aussaresses foi levado à Justiça por crimes contra a humanidade. A Justiça concluiu que todos os atos de tortura assumidos por Aussaresses no livro haviam sido anistiados pela França, em 1968.

CartaCapital: Seu livro é resultado de um enorme trabalho de pesquisa. Quais as revelações inéditas?

Marie-Monique Robin: Os franceses tiveram um papel importante na formação dos militares das ditaduras da América Latina. Tudo começa na Guerra da Indochina e continua na da Argélia. Descobri um assunto desconhecido até por historiadores franceses. Um dos grandes historiadores da Guerra da Argélia, Pierre Vidal-Naquet, que respeito muito, viu meu filme e fez uma leitura crítica do livro. Ele me disse que nunca tinha ouvido falar do assunto.

CC: O livro diz que o presidente Kennedy foi o apóstolo

da “guerra contra-revolucionária” e introduziu uma transformação importante na política estratégica americana. Em 1961, os primeiros experts franceses chegam a Washington e redefinem o papel das forças armadas latino-americanas, prepa-



A OBRA. *Escadrons de la Mort*, de Marie-Monique Robin, saiu em livro (Editions La Découverte) e filme



rando-as para lutar contra o “inimigo subversivo” ou o “inimigo interno”. Os franceses não exportavam somente vinhos e perfumes aos americanos?

MMR: Eles exportavam os melhores experts da Guerra da Argélia, torturadores assumidos. Na França, nunca se escreveu sobre esse assunto. O único país em que se escreveu foi a Argentina, onde os franceses se envolveram mais.

CC: Por que Kennedy se interessa pela teoria francesa?

MMR: Ele tinha feito uma viagem à Argélia quando era senador e era obcecado pela teoria dos dominós, que previa que o comunismo iria dominar o planeta. Quando ele é eleito, pede ao governo francês que envie experts ao Fort Bragg e ao Fort Benning. Gra-

ças ao ensino dos franceses, ele vai redefinir a teoria da doutrina de Segurança Nacional, que existia desde 1948, com Truman. Até então, os americanos procuravam criar uma frente com a América Latina, para se preparar para uma eventual invasão ou guerra contra a União Soviética. Mas, a partir do momento em que os franceses lançam a teoria do inimigo interno, faz-se uma reformulação da doutrina de Segurança Nacional, na qual o inimigo não vem mais do exterior. Os exércitos da América Latina devem desempenhar um papel de polícia e, de fato, de repressão, em seus próprios países.

CC: Como os militares franceses atuaram?

MMR: Os militares franceses vão ser os primeiros, desde os anos 50, com as guerras coloniais da Indochina (Vietnã) e da Argélia, a desenvolver uma nova teoria militar, a “guerra revolucionária” e a “guerra contra-revolucionária”. Essa teoria militar



PAU-DE-ARARA. O delegado Fleury foi aluno aplicado

FOLHA MAGEN

é acompanhada de técnicas militares que experimentaram na Indochina, mas, sobretudo, na Argélia. E depois exportam, principalmente aos EUA. Os franceses vão formar os latino-americanos e os americanos. Começam com os americanos e os argentinos, ao mesmo tempo.

CC: Qual a originalidade da teoria francesa?

MMR: Quando os franceses chegam à Indochina, logo depois da Segunda Guerra Mundial, descobrem um inimigo novo, e criam a teoria da “guerra revolucionária”. O inimigo não tem uniforme, está disseminado sobre todo o território, faz uma guerra de guerrilha sem front e se apóia sobre um aparelho de logística importante, que os franceses chamam de “aparelho de controle da população”. O coronel Charles Lacheroy fica intrigado: “Somos muito mais numerosos, muito mais bem equipados e não conseguimos vencer o Viêt-minh”. Ele inventa a nova doutrina chamada “guerra revolucionária” ou “guerra anti-subversiva” e pouco a pouco todos os estudos dos militares franceses vão no sentido de encontrar soluções para vencer a “guerra revolucionária” do Viêt-minh. Na Guerra da Indochina, que durou oito anos, eles elaboram a teoria da “guerra revolucionária” e, na da Argélia, que começa logo que acaba a da Indochina, desenvolvem práticas militares, sobretudo na famosa Batalha de Alger, vistas como uma resposta à “guerra revolucionária”.

CC: Por que os americanos importam a teoria?

MMR: O mundo estava em plena Guerra Fria. E na teoria há um novo dado: na guerra clássica, o inimigo era externo ao território. Agora, o inimigo está em toda parte, no interior do país. Isso é muito importante, é a marca dos franceses e é o que os latino-americanos vão retomar. O inimigo de um argentino antes poderia ser um chileno, um brasileiro. Agora, o inimigo está na população, pode ser o vizinho, o professor da universidade, é alguém que ameaça a ordem, os valores ocidentais, é o subversivo. Se na “guerra revolucionária” qualquer pessoa é suspeita, o inimigo está em toda parte e se apóia na população civil, esta é o suspeito número

1. Daí o primado da informação militar. Quem diz informação, diz interrogatório. Quem diz interrogatório, diz tortura. Como obter informação sem tortura? A tortura é a arma principal da “guerra anti-subversiva”. O que fazer dos torturados? Depois de torturados não podem ser jogados nas ruas, estão em frangalhos. É preciso fazê-los desaparecer. É o papel principal do general Aussaresses, que criou os “esquadrões da morte”.

CC: “Confirmando que o Brasil enviou instrutores para técnicas de interrogatórios”, diz o coronel chileno Carlos Castro Sauritain, que participou ativamente do golpe contra Allende, que fez 20 mil mortos, 3 mil

“Os franceses tiveram uma ação importante em Manaus. Pinochet enviou agentes para o Brasil”



desaparecidos e milhares de torturados e exilados. O que explica essa violência?

MMR: O pior foi a Argentina com 30 mil desaparecidos. Acho que o papel dos franceses explica. Os militares argentinos desde o fim dos anos 50, quando não havia guerrilha, quando o Partido Comunista quase não existia, porque o peronismo acabou com o PC, recebem os primeiros instrutores franceses e durante 20 anos vão se impregnar dessa concepção de “inimigo interno”, completamente fictícia, porque praticamente não existe PC. Foi uma verdadeira bomba de efeito retardado. Isso explica o fato de a repressão na Argentina ter sido a mais brutal do Cone Sul. O que Pinochet fez no Chile foi monstruoso, mas na escala do horror, está aquém da Argentina.

CC: O general Paul Aussaresses diz que, quando assumiu a função de adido militar no Brasil, o general João Baptista Figueiredo “dirigia, com o comissário Sérgio Fleury, os esquadrões da morte brasileiros”. Figueiredo foi presidente do Brasil de 1979 a 1985 e deixou o palácio presidencial pela porta dos fundos. Por que os esquadrões da morte no Brasil fizeram menos vítimas que no Chile ou na Argentina?

MMR: É uma pergunta difícil. No Brasil, houve um processo de denúncia do inimigo interno, mas também muita gente foi embora, outros foram destituídos da nacionalidade brasileira. No Chile e na Argentina, as pessoas eram assassinadas. No Brasil, houve menos assassinatos...

CC: Aussaresses diz que “o Brasil ajudou, consideravelmente, a ação do general Pinochet” e que ele acompanhou todas as ações dos chilenos graças a Humberto Gordón, adido militar no Brasil em 1974. Ele conta que o ministro do Exército Orlando Geisel mandou um avião da Aeronáutica a Santiago com oficiais do SNI e agentes da Polícia Federal. Na época, os militares brasileiros eram os mais experientes do continente?

MMR: Sem dúvida. Militares brasileiros estavam presentes no estádio de Santiago, sobreviventes das torturas ouviram falar portugueses. O que não se sabia é que os franceses tinham tido uma ação

MESTRE. Adido militar no Brasil, o general Aussaresses foi um elo entre torturadores sul-americanos
réa!

importante em Manaus. Aussaresses me contou que Pinochet e seu braço direito Contreras enviavam os agentes da DINA para ser formados no Brasil, onde ele, Aussaresses, atuava. Os brasileiros eram muito bem treinados em tortura, principalmente porque criaram, em 1964, o Centro de Instrução de Guerra na Selva, em Manaus, cópia dos americanos Fort Benning e Fort Bragg, de onde vinham oficiais para todo o continente.

CC: *Esse centro logo ganha uma reputação comparável à da Escola das Américas, na qual se formaram os principais golpistas do Brasil, do Chile (inclusive Pinochet) e da Argentina. Por ter feito o primeiro golpe de Estado militar, o Brasil era um laboratório para essa "guerra santa contra a subversão"?*

MMR: Claro. Foi o primeiro país da América do Sul a implantar o regime militar pelo golpe de Estado. Foi o primeiro a aplicar ao pé da letra a nova doutrina da Segurança Nacional, na qual o inimigo principal é o inimigo interno. Os experts que cito dizem que o Brasil foi uma cópia exata desse "Estado de Segurança Nacional" redefinido por Kennedy, graças à experiência francesa. Perseguem o subversivo, os opositores políticos, pessoas não armadas. As principais vítimas dessas ditaduras são membros do Partido Comunista, de partidos de esquerda, teólogos da Libertação. O Brasil é também um modelo do exercício do poder controlado pelos militares. Todos os postos importantes são ocupados por militares, com a missão de fazer grandes obras públicas. Eles controlam toda a vida política e econômica. O modelo vai ser depois transplantado para Chile, Argentina e Uruguai.

CC: *A "doutrina do Estado de Segurança Nacional" é definida como a executora da política americana, na qual o Exército se comporta como uma força de ocupação no próprio país. Seu livro cita o sociólogo Hélio Jaguaribe que diz que o Estado de Segurança Nacional encarna um "fascismo colonial", "versão crioula do fascismo europeu". Como se resume a doutrina?*

MMR: A tortura sempre existiu. O que os franceses trouxeram de novo foi uma definição da tortura como arma, numa teoria militar mais global. Os cursos que eram dados na Escola de Guerra em Paris, chamada hoje Escola Militar, nos anos 50 até início dos anos 60, também definiam uma matriz ditatorial do exercício



PATRICIA SANTOS/FOLHA IMAGEM

“Figueiredo dirigia, com o comissário Fleury, os esquadrões da morte brasileiros, diz Aussaresses”

do poder, quando os militares assumem o poder. Isso vai ser exportado. Se os militares têm o poder, têm a função de polícia, como durante a Guerra da Argélia. Isso vai ser característica de todas as ditaduras latino-americanas. A polícia depende do Exército, que ocupa o espaço político e econômico. A “escola francesa” não significa apenas técnicas militares, mas também uma reflexão sobre o papel dos militares na sociedade, quando pensam que ela está em perigo. O protótipo do Estado de Segurança Nacional é o Brasil, o primeiro a implantar a ditadura em 1964, mas também por ter aplicado ao pé da letra a nova doutrina americana de Segurança Nacional, de inspiração francesa.

CC: *O livro diz que Pinochet escancara as portas do país aos “Chicago boys”, que “reestruturam a economia numa base ultraliberal, permitindo às multinacionais comprar por um preço baixo um bom número de empresas do setor público”. Com os golpes de Estado, os ditadores latino-americanos tinham uma cartilha bem precisa para dirigir a economia?*

MMR: Claro. A doutrina de Segurança Nacional é o controle da resistência interna às mudanças econômicas e sociais reivindicadas não só pelas esquerdas, mas também por parte da Igreja Católica, sobretudo no Brasil. O que querem as ditaduras é impor uma ordem econômica e para isso vão eliminar os que se opõem ou criticam essa ordem. Em todos esses países é depois da chegada dos militares ao poder que todos os serviços públicos são privatizados, que as grandes companhias nacionais são vendidas aos estrangeiros. Esse é o objetivo. Se os EUA criam a doutrina de Segurança Nacional não é pelos grandes princípios de liberdade. É para controlar a economia desses países.

CC: *O livro do coronel Trinquier, La Guerre Moderne, de 1963, diz que “a tortura é o veneno particular contra o terrorista, como a artilharia antiaérea é a arma do aviador e a metralhadora é a do soldado”. Os “métodos de interrogatório” da Escola das Américas eram sinônimos de tortura. As denúncias de tortura no Iraque surpreenderam o governo americano?*

MMR: Não me surpreendi. Quando entrevistei militares americanos ex-alunos dos franceses, a guerra do Iraque acabara de começar. Eles me disseram que a teoria dos franceses iria de novo ser posta em prática. Aliás, já tinha sido restaurada: eles tinham participado de um colóquio dedicado ao estudo da experiência francesa, através do livro de Aussaresses traduzido para o inglês naquele ano, 2003. O filme *A Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo, que denuncia a tortura na Argélia, foi exibido no Pentágono. Sempre que há terrorismo volta-se à doutrina francesa, porque são os únicos, sobretudo Trinquier, a ter definido um estatuto do terrorista que continua atual.

CC: *O que diz Trinquier?*

MMR: Que o terrorista, por sua maneira de operar, sem uniforme, colocando bombas em bairros de civis, não respeita as leis da guerra. Logo, não há razão para que seja protegido pela Convenção de Genebra. O que se passou com o governo Bush em Guantánamo? A prisão foi criada porque eles não podiam receber no território americano prisioneiros que não reconhecem como combatentes. Os EUA assinaram a Convenção de Genebra e seriam obrigados a aplicá-la. ■